

CREIO

CATECISMO DA FÉ CRISTÃ ORTODOXA

CARTILHA VI

SUBIU AOS CÉUS E HÁ DE VIR NOVAMENTE EM GLÓRIA

A Ascensão do Senhor, o Reino de Deus e a esperança cristã

O Credo Niceno-Constantinopolitano explicado para os cristãos do século XXI.

Igreja Apostólica Ortodoxa da América

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.

Apresentação: uma esperança que transforma a vida

O cristão não crê apenas que Jesus existiu, ensinou e ressuscitou. Professa também que o Senhor ressuscitado foi elevado à glória do Pai e que a história humana possui um horizonte de justiça, verdade e vida. Essa esperança não nos afasta do mundo: torna-nos mais responsáveis por ele.

Nesta cartilha, estudaremos a Ascensão, a presença de Cristo na Igreja, seu Reino, a Segunda Vinda e o julgamento divino. Não iremos calcular datas nem alimentar o medo. A fé ortodoxa anuncia a vitória final do amor de Deus e chama cada pessoa à conversão, à misericórdia e à vigilância.

O artigo do Credo

“E subiu aos céus; está sentado à direita do Pai; e de novo há de vir, em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu Reino não terá fim.”

O Concílio de Niceia (325) e o Concílio de Constantinopla (381) deram forma histórica à profissão de fé que a Igreja conserva em sua liturgia. Suas palavras não são um enigma destinado a poucos especialistas: são o fundamento de nossa esperança.

“Este Jesus, que dentre vós foi elevado ao céu, virá do mesmo modo.” — Atos 1,11 (sentido do texto)

Objetivo: compreender cada expressão do Credo, reconhecendo suas consequências para a oração, as escolhas morais e a convivência humana.

1. O que foi a Ascensão do Senhor?

Depois da Ressurreição, Jesus apareceu aos discípulos e lhes confiou a missão de testemunhar o Evangelho. O livro dos Atos narra sua elevação diante deles (At 1,1-11). A Ascensão celebra a glorificação do Cristo ressuscitado e a entrada de nossa humanidade, nele, na comunhão com o Pai.

Não se trata de imaginar Jesus viajando pelo espaço até um endereço escondido acima das nuvens. Na linguagem bíblica, “céu” designa a realidade da glória divina, não um lugar que a astronomia possa localizar. A imagem da elevação manifesta que Cristo participa plenamente da soberania do Pai.

A humanidade não foi abandonada

O Filho eterno tornou-se verdadeiramente homem, morreu e ressuscitou. Ao subir aos céus, ele não descarta a humanidade que assumiu: leva-a consigo à glória. Por isso a Ascensão oferece uma afirmação preciosa sobre a dignidade humana. Nossa existência corporal não é algo desprezível diante de Deus.

A festa da Ascensão, celebrada quarenta dias após a Páscoa no calendário litúrgico, recorda que o Cristo

ressuscitado inaugura uma nova maneira de estar presente entre os seus. Sua presença continua real, embora não dependa da visão física.

Leia: Lucas 24,50-53; Atos 1,3-11; Efésios 1,20-23.

2. “Está sentado à direita do Pai”

A expressão não quer dizer que Deus Pai tenha um corpo humano e um trono material, com Cristo ocupando uma cadeira ao lado. A Escritura usa uma linguagem de honra e autoridade: estar à direita indica participar da glória e do governo divinos.

Jesus Cristo, o Filho, não começou a ser Deus na Ascensão. Como vimos na Cartilha III, ele é eternamente consubstancial ao Pai. A novidade é que sua humanidade ressuscitada é manifestada na glória que lhe pertence como Filho.

O Novo Testamento proclama que Cristo intercede por nós (Rm 8,34; Hb 7,25). Não é um Senhor distante e indiferente. O Crucificado conhece a dor humana; o Ressuscitado comunica esperança. Sua soberania não é tirania, mas senhorio vivido no amor e na verdade.

Que tipo de autoridade imitamos?

A expressão “Senhor” frequentemente foi usada no mundo para justificar domínio e violência. Em Jesus, porém, autoridade e serviço caminham juntos: ele lavou os pés dos discípulos (Jo 13,1-15). O cristão que possui

responsabilidades na família, no trabalho, na Igreja ou na sociedade deve exercer liderança sem humilhar.

Quando alguém invoca a religião para exigir obediência cega, controlar recursos de outras pessoas ou encobrir abusos, não está imitando a autoridade servidora de Cristo. O discernimento, a prestação de contas e a proteção dos vulneráveis são deveres cristãos.

3. O Reino de Deus já começou?

Jesus anunciou: “O Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15). Seus gestos de cura, acolhimento, perdão e justiça mostraram sinais desse Reino. Na Páscoa, a vitória sobre a morte abriu um novo horizonte para toda a criação. Por isso a Igreja ensina que o Reino já se manifesta, mas ainda esperamos sua consumação.

O Reino não se confunde com um território, um partido político ou a prosperidade econômica de uma instituição. Deus reina onde sua verdade é acolhida, onde a caridade se torna concreta e onde a vida humana é honrada. A Divina Liturgia nos antecipa sacramentalmente a comunhão do Reino.

“Já” e “ainda não”

Já podemos experimentar a reconciliação, a oração, a comunhão eucarística e a alegria do Espírito. Entretanto, a doença, a injustiça, a violência e a morte ainda marcam a história. A plenitude do Reino não é algo que possamos

construir apenas por nossos esforços; é dom de Deus, que pede nossa resposta responsável.

Esperar a plenitude não é desistir de melhorar o mundo. Cuidar de enfermos, cultivar a paz, estudar, educar os filhos e combater a corrupção são maneiras concretas de testemunhar o Reino enquanto peregrinamos.

"Venha o teu Reino." — Mateus 6,10

4. A promessa da Segunda Vinda

O Credo anuncia que Cristo virá novamente em glória. A palavra grega *parousia* significa presença ou vinda e, no uso cristão, designa a manifestação definitiva do Senhor. O mesmo Cristo que se entregou por amor realizará plenamente a vitória da vida e da justiça.

A promessa não deve ser usada para produzir terror ou controlar pessoas. Jesus afirmou que ninguém conhece o dia nem a hora (Mt 24,36). Portanto, qualquer anúncio de data exata, cálculo secreto ou interpretação que declare certeza sobre o calendário divino ultrapassa o que a Escritura autoriza.

O que significa viver em vigilância?

Vigiar não é passar os dias acompanhando notícias e buscando sinais ocultos em toda catástrofe. É manter o coração desperto: ser honesto, praticar a justiça, reparar o mal cometido e conservar a oração. A parábola das dez virgens (Mt 25,1-13) fala de preparação, enquanto a

parábola dos talentos (Mt 25,14-30) recorda a responsabilidade pelo que recebemos.

Para o jovem cristão, vigiar também pode significar recusar a mentira nas redes sociais, resistir à pressão dos grupos para humilhar pessoas e desenvolver hábitos que protejam a dignidade própria e alheia.

"Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor." — Mateus 24,42

5. O julgamento dos vivos e dos mortos

O Credo afirma que Cristo julgará os vivos e os mortos. O julgamento divino declara que nossas ações importam: o bem e o mal não são equivalentes, e as vítimas da injustiça não serão esquecidas por Deus. A última palavra da história pertence à verdade e à justiça divina.

Ao mesmo tempo, o Juiz é o Salvador que morreu e ressuscitou por amor à humanidade. Não podemos simplificar o juízo como mera contabilidade de faltas, nem presumir conhecer o destino eterno de pessoas concretas. A Igreja chama todos ao arrependimento e confia a cada pessoa à justiça e à misericórdia de Deus.

O Evangelho apresenta um critério decisivo

Em Mateus 25,31-46, Jesus fala da fome, da sede, da condição de estrangeiro, da doença e da prisão. O julgamento revela o peso espiritual do modo como tratamos os menores e mais vulneráveis. Nossa profissão

de fé precisa aparecer na compaixão praticada, não apenas em palavras.

Isso não significa que a salvação seja adquirida mediante uma soma de boas obras. A vida cristã é resposta à graça: a fé verdadeira torna-se viva por meio do amor. O arrependimento inclui reconhecer o mal, buscar a reparação possível e iniciar uma vida renovada.

A misericórdia não torna a justiça desnecessária. Perdoar não obriga uma vítima a permanecer em ambiente violento ou a abandonar seus direitos.

6. “Seu Reino não terá fim”

Impérios, empresas e governos surgem e desaparecem. Nenhuma conquista humana permanece intacta para sempre. Ao professar que o Reino de Cristo não terá fim, a Igreja anuncia uma realidade que não será vencida pela corrupção, pela morte ou pela passagem do tempo.

Essa esperança nos torna menos dependentes da fama, da riqueza e do poder. O valor de uma vida não é medido pela quantidade de seguidores na internet nem pela posição social. A fidelidade, a bondade e a verdade conservam seu sentido mesmo quando não produzem reconhecimento imediato.

A esperança e a experiência do luto

Quando perdemos alguém, a promessa do Reino não apaga a saudade nem elimina a dor. Jesus chorou diante

do túmulo de Lázaro (Jo 11,35). A fé autoriza as lágrimas e sustenta a esperança sem exigir que a pessoa enlutada demonstre uma serenidade artificial.

O cristão pode buscar apoio de familiares, amigos, sacerdotes e profissionais de saúde mental. A tristeza do luto não é falta de fé. Na oração da Igreja, entregamos nossos falecidos à bondade de Deus e esperamos a ressurreição, tema que será aprofundado na Cartilha X.

"O seu Reino não terá fim." — Lucas 1,33

7. A esperança dos Santos Padres

São João Crisóstomo, em suas homilias sobre os Atos dos Apóstolos, ajuda os fiéis a contemplar a missão da Igreja depois da Ascensão. A partida visível de Jesus não encerra o Evangelho: inaugura o testemunho dos discípulos, fortalecidos pelo Espírito Santo.

São Gregório de Nissa relaciona a esperança cristã à vitória de Cristo sobre a morte e ao destino transformador da vida humana. Na tradição ortodoxa, a salvação não é uma fuga do mundo material: é renovação da pessoa e, em Cristo, horizonte de restauração da criação.

São Máximo, o Confessor, descreve a vocação humana à comunhão com Deus em Cristo. A ascensão e a glorificação do Senhor manifestam que a humanidade encontra seu cumprimento no amor e na participação na vida divina pela graça, jamais por se tornar Deus em

essência.

Tradição não é adivinhar o futuro

Os Santos Padres oferecem um caminho de oração, discernimento e transformação da vida. É preciso distinguir seus ensinamentos espirituais centrais de explicações históricas próprias de seus tempos e evitar atribuir-lhes frases sem fonte segura. A catequese deve cultivar convicção acompanhada de humildade.

Para o estudo: São João Crisóstomo, *Homilias sobre os Atos dos Apóstolos*; São Gregório de Nissa, *A Grande Catequese*; São Máximo, o Confessor, textos sobre a vida em Cristo e a deificação.

8. Vivendo o Credo no século XXI

Quando as notícias assustam

Guerras, epidemias, desastres climáticos e conflitos podem provocar medo. A Igreja não deve apresentar cada tragédia como certeza de que o mundo terminará naquela semana. A atitude cristã é informar-se com responsabilidade, proteger os vulneráveis, ajudar os atingidos e orar pela paz.

Quando a religião gera ansiedade

Algumas pessoas vivem atormentadas por vídeos que ameaçam castigos imediatos ou exigem vigilância contínua sobre supostos sinais do fim. A catequese deve

ensinar a reconhecer manipulação, procurar orientação pastoral prudente e buscar atendimento profissional se houver ansiedade persistente ou sofrimento psicológico importante.

Quando a esperança parece distante

Uma pessoa desempregada, um estudante inseguro sobre o futuro e uma família em luto precisam de presença concreta, não de respostas simplistas. Nossa fé na Segunda Vinda não substitui a solidariedade, o trabalho sério, o acesso à saúde ou a procura de justiça.

Quando somos tentados pelo poder

Cristo reina servindo. A autoridade espiritual não autoriza arrogância ou privilégios. Os responsáveis pelas comunidades devem prestar contas, ouvir críticas legítimas e colocar a proteção das pessoas acima da reputação institucional.

9. Quatro situações para dialogar em comunidade

Caso 1 — O vídeo sobre o fim do mundo

Um jovem recebe um vídeo dizendo que uma data específica marcará a volta de Cristo. O vídeo exige que seja compartilhado urgentemente. **Como responder?** Leia Mateus 24,36; não divulgue previsões infundadas; converse sobre a diferença entre vigilância e pânico.

Caso 2 — Uma família em luto

Após a morte de uma pessoa querida, alguém pergunta: “Por que Deus permitiu isso?” **Como acompanhar?** Evite explicações automáticas; escute com respeito; ofereça presença, oração e ajuda concreta. A esperança pascal não proíbe a tristeza.

Caso 3 — O chefe autoritário

Uma pessoa usa a expressão “Cristo é Senhor” para justificar a humilhação de subordinados. **Que atitude é coerente com o Evangelho?** Recordar João 13 e distinguir liderança servidora de abuso de poder.

Caso 4 — O estudante e o futuro

Um estudante tem medo de escolher uma profissão porque pensa que não vale a pena construir planos se Cristo pode voltar a qualquer momento. **O que ensinar?** A esperança cristã incentiva estudo, trabalho, serviço e responsabilidade, não o abandono do presente.

Em cada diálogo, escutemos as dúvidas sem ridicularizar. O objetivo da catequese não é vencer uma discussão, mas ajudar a formar uma consciência madura.

10. Dez perguntas catequéticas

1. O que celebramos na Ascensão? A glorificação de Cristo ressuscitado, que leva nossa humanidade à comunhão com o Pai.

2. A Ascensão significa que Jesus nos abandonou? Não. O Senhor permanece com sua Igreja e age pelo Espírito Santo.

3. O que significa estar à direita do Pai? Participar da glória e da soberania divinas, não ocupar um lugar físico ao lado de um corpo material.

4. O Reino de Deus já começou? Sim, manifesta-se em Cristo e na vida da Igreja, mas esperamos sua plenitude.

5. O que é a Segunda Vinda? A manifestação gloriosa e definitiva de Jesus Cristo.

6. Sabemos quando ela ocorrerá? Não. Jesus ensina que ninguém conhece o dia nem a hora.

7. O que é vigilância cristã? Viver com fé, oração, justiça, arrependimento e amor no presente.

8. Quem julgará os vivos e os mortos? Jesus Cristo, Senhor e Salvador, com justiça e misericórdia.

9. Qual é o significado de "seu Reino não terá fim"? O Reino de Cristo é eterno e não pode ser destruído pela morte ou pelo poder humano.

10. Como viver essa fé hoje? Servindo ao próximo, combatendo a injustiça e perseverando na esperança.

11. Minha fé, minha vida, minha missão

Minha fé — o que aprendi?

Creio que o Cristo ressuscitado foi glorificado, não abandonou sua Igreja e voltará em glória. Não conhecemos o tempo da Segunda Vinda. Seu Reino não terá fim, e o julgamento divino dá sentido à responsabilidade humana.

Minha vida — o que preciso transformar?

Examino se alimento medos infundados, se compartilho notícias falsas, se exerço autoridade com arrogância ou se deixo de fazer o bem por achar que o futuro é incerto. Peço a Deus a coragem de corrigir atitudes e reparar danos.

Minha missão — qual bem posso praticar?

Durante esta semana, escolho um gesto concreto: visitar alguém sozinho, apoiar uma pessoa enlutada, ajudar uma família vulnerável, reparar uma injustiça ou orientar com respeito alguém assustado por mensagens alarmistas.

Um exercício de oração e consciência

Reserve cinco minutos de silêncio. Leia Mateus 25,31-40 ou Atos 1,6-11. Pergunte: “Se eu espero o Senhor, como devo tratar as pessoas hoje?” Anote uma decisão que possa ser cumprida. Reze sem ansiedade, confiando no amor de Deus.

A fé amadurece quando deixa de ser uma resposta memorizada e se torna vida vivida.

12. Oração de esperança e responsabilidade

Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, que ressuscitaste dos mortos e foste elevado à glória do Pai, conserva-nos firmes na fé e alegres na esperança.

Liberta-nos do medo que paralisa, da curiosidade que busca datas e sinais, da indiferença diante do sofrimento e da tentação de dominar nossos irmãos.

Ensina-nos a vigiar com o coração desperto, a trabalhar honestamente, a praticar a justiça e a reconhecer tua presença nos pequenos e nos necessitados.

Quando chegar a hora da dor e do luto, sustenta-nos com a luz da Ressurreição. Conduze-nos, pela graça do Espírito Santo, à comunhão do teu Reino que não terá fim. Amém.

Síntese para guardar no coração

Cristo subiu aos céus: nossa humanidade encontra nele dignidade e esperança. **Ele virá em glória:** a história está nas mãos de Deus, não de nossos medos. **Ele julgará:** a verdade, o amor e a justiça importam. **Seu Reino não terá fim:** vivamos hoje como cidadãos de uma esperança eterna.

Pequeno glossário

Ascensão: glorificação do Senhor ressuscitado. **Parousia:** manifestação gloriosa de Cristo. **Escatologia:** estudo da consumação da história e da esperança cristã. **Vigilância:** atenção perseverante e amorosa à vida diante de Deus.

Referências para aprofundamento

Sagradas Escrituras: Lucas 24,44-53; Atos 1,1-11; Mateus 24,36-44; Mateus 25,1-46; Marcos 1,14-15; João 13,1-15; Romanos 8,31-39; 1 Coríntios 15; Efésios 1,20-23; Hebreus 7,25; Apocalipse 21–22.

Tradição patrística: São João Crisóstomo, *Homilias sobre os Atos dos Apóstolos*; São Gregório de Nissa, *A Grande Catequese*; São Máximo, o Confessor, textos sobre Cristo e a vocação humana à comunhão com Deus. Referências indicadas para estudo temático; o texto da cartilha apresenta sínteses explicativas, não citações literais desses autores.

Fontes litúrgicas e doutrinárias: Credo Niceno-Constantinopolitano; ofícios da Ascensão do Senhor; textos bíblicos proclamados na celebração da festa.

Orientação para catequistas

Convide os participantes a ler o trecho do Credo em voz alta e a explicar, com suas palavras, a diferença entre esperança e medo do futuro. Não exija que todos exponham experiências pessoais dolorosas. Acolha dúvidas e reconheça o que ainda precisa ser estudado.

A próxima cartilha tratará da profissão de fé no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e de sua ação santificadora na Igreja.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.

www.iaoa.com.br

Coleção CREIO — Catecismo da Fé Cristã Ortodoxa · Cartilha VI